

ARTIGO INTERNACIONAL



Nada a dizer*

Entrevista com Ignacio Castro Rey**

Alex Serrano***

Alex Serrano: O mistério, a fantasia, o amor, o erotismo, e até mesmo protesto político estariam em perigo?

Ignacio Castro Rey: Eu não sei se a relação íntima entre os elementos dessa longa cadeia, especialmente o último deles, é muito clara. Eu diria que para a política, até mesmo para o protesto mais ativo, não há perigo nenhum. Vejam-se os recentes eventos eleitorais na Europa: passamos metade de nosso tempo protestando e reclamando – e com razão! Agora, independentemente da razoabilidade dos protestos, parece-me que o conjunto da política, incluindo a maioria dos movimentos alternativos e de oposição, é uma grande astúcia da razão histórica desta época para eludir o silêncio do mundo, no que nele permaneça oculto. Estou basicamente de acordo com o pensador coreano-alemão Han (segundo alguns, superestimado), em sua afirmação de que o fim da relação com a alteridade supõe a agonia do erotismo. Acho que essa debilidade, evidente em todos lugares, não pode ser sanada com uma prótese sexual. Eu diria até que a proliferação de insinuações, como sempre que se presume algo, é um sintoma da profunda impotência. Quanto à fantasia... Eu acho que é uma outra história. Nesse caso, seu sucesso é confirmado pelo alcance mundial do entretenimento, muito antes da Disney. Isso inclui o negócio internacional de ficção e sua lista de sucessos, que continua a nos envolver.

Alex Serrano: Na sua opinião, confirma-se a previsão feita por Peter Sloterdijk, essa ideia de que a realidade se manifestará onde o embelezamento do mundo e a criação de parques humanos tornarem-se norma dominante, para domesticar as massas consumidoras?

Ignacio Castro Rey: Com ou sem a ajuda desse distinto professor, a realidade irá se solidificar onde se produzir a aliança entre espetáculo e biopolítica, entre o burburinho da publicidade e o silêncio hospitalar. Ou seja, por todos os cantos do nosso abençoado Primeiro Mundo. Ficam de fora aqueles lugares que, em geral, não conhecemos (eu acho que nem Sloterdijk conhece) e vivemos demonizando como tirânicos, fundamentalistas, atrasados, arrasados pela miséria e por todo tipo de pragas bíblicas... Toda essa imagem (e seu rever-

* Traduzido do espanhol por Denise Katchuiian Dognini, tradutora, editora e revisora, graduada e pós-graduada em Comunicação Social.

** Ignacio Castro Rey é filósofo, crítico de cinema e arte, gestor cultural e professor. Publicado na revista digital *Psychonauts*. Junho de 2014.

*** Alex Serrano é colunista da revista digital *Psychonauts*.

so, o turismo) é um mecanismo de *exorcização* de que o Ocidente branco necessita para justificar a sua própria miséria. Toda vez que entre nós se produz o acontecimento de um encontro, livre dessa aliança totalitária de economia e ficção informativa, surge algo nesse exterior “subdesenvolvido” que constitui nossa única esperança.

Alex Serrano: No fundo, o entretenimento feito para aliviar o tédio produziu mais tédio. A tendência atual é olhar para a intensidade nas experiências, torná-las mais fortes, buscar excitação sensorial. O que produz essa emoção? O sexual, a violência, a obscenidade? É como se o entretenimento convencional não deixasse sua marca e necessitássemos de experiências que nos legassem uma cicatriz, uma marca. Buscamos a violência em vez de uma experiência convencional, banal, repetitiva e chata. Devemos violar o corpo e a imaginação para aumentar o interesse do público?

Ignacio Castro Rey: Acho que uma coisa é o público, cativo desse massivo cenário de captura; outra coisa são a *existência* e o povo, algo que luta dentro de nós para se libertar desse gigantesco e sufocante interior. Em qualquer caso, a palavra *violência* é ambígua. Se não formos cuidadosos, a violência se dedica a alimentar a espiral de um espetáculo que produz mais explosões. Isso acontece com a pornografia, com a violência da mídia e da celebridade, seja na arte ou na política. Mesmo os grandes atentados foram reintegrados ao espetáculo global da informação. Agora, é verdade que precisamos desesperadamente que aconteça algo neste universo terminal, algo que nos deixe uma marca. Como Deleuze dizia, em meio a nosso delírio consensual: “Um acontecimento, por favor”. Caso contrário, intuimos que aquilo que foi rejeitado como perigoso e primário retornará de forma monstruosa, viciosa, letal. Para evitar isso, é necessário enfrentar os perigos a tempo, dar-lhes forma, estabelecer a maneira de lidar com o que nos assusta. Neste sentido, é verdade que a vida contemporânea precisa desesperadamente de uma frente de choque, uma linha de resistência. Até mesmo na amizade exige-se que, por algum lado, se vislumbre um inimigo real e perigoso. Não os medos abstratos induzidos pela mídia, mas um perigo real (de “carne e osso”, diria Unamuno) que cada um deve encontrar em sua própria existência. A literatura e a arte, também o pensamento, existem para isso. Eu não sei se são suficientes para compensar este mundo totalmente regulado.

Alex Serrano: O que você pensa de anúncios como o da Estrella Damm, que exibem *slogans* como “Exercite sua alma”? Esses anúncios oferecem respostas a tipo de questionamento?

Ignacio Castro Rey: Às vezes me sinto como a Virgem Maria, pois talvez não tenha visto o anúncio ou tenha esquecido. Não importa, porque ele representa a resposta a algo visto em toda parte. Primeiro, é proibido ter alma – essa proibição, por não ser explícita, é menos evidente. Toda a mitologia da estabilidade macroeconômica, em cujo altar o cidadão deve *neutralizar* suas potências vitais, responde a essa proibição de ter alma, isto é, uma conexão interna com o fluxo do universo, seus rumores e sua noite. Em contrapartida, estimulam-se todas as conexões externas, tecnológicas. Creio que o anúncio da cerveja se enquadre nesta lógica: o que foi reprimido no dia a dia deve ser recuperado, em um simulacro espetacular,

em nossos sonhos projetados, nos estados de exceção consumista. Para que o capitalismo seja mundial, depois de *desencantar* a vida, agora deve reencantá-la e adotar um ar de fantasia. Esportes, sexo, álcool e drogas são algumas das suas iscas. Quem entra nessa armadilha está pronto, pois tem sua impotência anímica assegurada. É necessário *exercitar a alma* às 11 horas, sem nada de esporte ou sexo, a contrapelo de nossas ideias de moderação, por mais alternativas e progressivas que sejam.

Alex Serrano: Estagiários e artistas que não cobram por seu trabalho, que se veem forçados a reclamar sua parte, como se ser um artista fosse um capricho e não tivesse nada que ver, por exemplo, com o encanador ou o arquiteto. A que ponto chegamos?

Ignacio Castro Rey: Se os artistas têm que ver com o encanador e o arquiteto, e eu acho que sim, terão de inventar alguma forma de vender seu trabalho. É possível que a época de bonança anterior, bastante irreal e corrupta, tenha nos anestesiado. Todos nós precisamos acordar. De qualquer maneira, é uma escolha artística e filosófica muito clássica não viver diretamente do seu trabalho, mas ter um trabalho discreto (e um pouco humilhante) que lhe permita viver e exercer livremente sua verdadeira vocação, seja ela a literatura, a filosofia ou a arte. É o caso de Spinoza, Wallace Stevens ou Machado, que durante muito tempo foi humilde professor de ensino médio. É trágico, tudo bem, mas a tragédia é parte da arte. De qualquer maneira, o tempo do artista subsidiado parece ter passado. Na verdade, talvez poucos tenham merecido esse *status*.

Alex Serrano: O que representa a ameaça da filosofia em nossas escolas?

Ignacio Castro Rey: Eu poderia jurar que a filosofia não representa uma ameaça direta. Quem vai se assustar hoje com Kant, Marx ou Nietzsche? Os três igualmente deram origem a livros didáticos muito decentes e a toda uma escolástica. Não há exatamente um temor à filosofia, mas ódio generalizado, em nossa cultura (que foi penetrada pelo modelo anglo-americano), a tudo o que não seja social e contextual, que não se traduza em dados históricos, sociais e econômicos. É o capitalismo *como cultura*, nosso ódio ao absoluto de uma existência impossível de definir (a definição é a nossa religião secular), o ódio ao que nos foi cedido pelo conjunto da esquerda, o que explica o desprezo pela filosofia. Mas não é só a filosofia que sofre com essa aversão. Lembremo-nos que a literatura, o cinema e a arte sobrevivem com dificuldades, muitas vezes fazendo concessões embaraçosas ao espetáculo.

Alex Serrano: Que ideia de justiça pode ter, por exemplo, um estudante de design, se qualquer tentativa de diálogo com o antigo se torna residual, opcional, isolada, em virtude do declínio do secundário e da especialização das universidades? Que tipo de projetos pode conceber?

Ignacio Castro Rey: Isso é algo tão essencial que alguns anos atrás já era constatado categoricamente por um conhecido pensador conservador. O diálogo com o mundo dos mortos, exceto no gênero terror, está deteriorado. E está deteriorado – John Berger tem insistido muito sobre esse tema – porque o nosso puritanismo do norte não quer nenhum relacionamento com um subsolo de sombras. Essas sombras são lentas e melancólicas, atormentadas por

fantasmas que suscitam sentimentos. E o que é ser *livre*, isto é, correr sem destino, mudar continuamente de canal e não nos comprometer com nada. Até a morte deve ser, portanto, um epifenômeno da tecnologia médica. É extremamente engraçado o nível de infantilidade em que fomos jogados pela mentalidade industrial, a cultura capitalista e sua religião do progresso. É o que há. No final, dizia um clássico do século XX, a religião sempre triunfa.

Alex Serrano: Você não acha que há algo de errado no modo de conceber a relação entre teoria e prática nas escolas?

Ignacio Castro Rey: Eu me conformaria se as teorias fossem suficientemente ousadas. Mas, não: são de uma prudência tocante. Em alguns aspectos, a nossa cultura tem sobrepujado o puritanismo das Ursulinas do passado. De toda forma, não nos esqueçamos de que este Ocidente industrial sempre entendeu a *prática* de uma forma bastante limitada, como algo que gera resultados visíveis, contábeis e operacionais. Se considerarmos no campo da engenharia, tudo bem. Mas no campo da arte ou da filosofia, a mentalidade prática é duvidosa, ainda que consiga muita *participação*. Que tipo de prática uma cultura que rejeitou a negatividade, uma sociedade presa à transparência total poderia conceber? Na verdade, não é tão estranho que o atrito com a *barbárie* da matéria seja tão repulsivo a uma cultura que quer flutuar, viver em um ambiente de clima controlado, em um isolamento ecológico. Temos de lembrar que, hoje, tudo vem embalado higienicamente, até mesmo as ideias. Até os alimentos vêm embalados de forma a evitar que seja visível sua origem animal ou vegetal. Creio que algo semelhante acontece com as pessoas.

Alex Serrano: A respeito do incentivo ao profissionalismo e ao *empreendedorismo* em todas as esferas, tanto no trabalho como na faculdade, parece que não há problemas, apenas desafios pessoais. Por que o nosso tempo exalta tanto a identidade?

Ignacio Castro Rey: Porque, na minha opinião, nossa época não tem fé no real. Como toda a matéria, longe da ingenuidade de Marx, nasce atormentada por um vórtice espiritual que beira o invisível, a cultura ocidental se separa do terreno e se fixa a regimes estáveis, definidos computadorizados. Assim, os objetos figuram em prateleiras que lhes dão uma função, fora da qual não existem... exceto nas particularidades do gênero “terror”. O sujeito, por sua vez, também busca uma definição paralela. Se for verdade (o que não é) que o animal encontra um caminho por instinto, o cidadão atual se *guia* por uma identidade visível pelo corpo social. Daí a histeria da definição, o que tem sido chamado de “fundamentalismo do currículo”, a corrida para ser reconhecido e ocupar um lugar ao sol. Como não podemos acreditar no real, pois ele é tocado pelos espectros e pela morte, nos apegamos ao social. Daí vem a sacralização da identidade, um desejo por uma *consciência* que deve cobrir tudo que haja de *submerso* em nós, de inconsciente ou secreto. É o cânone do Iluminismo levado ao extremo, até o centro da alma. Do mesmo modo como a cidade expulsa a noite com a sua luz eterna, o sujeito expulsa as sombras. Deixa a negatividade, no máximo, para os espaços de entretenimento clandestinos que, à força, assumiram formas perversas.

Alex Serrano: Essa exigência de mudar, de se renovar constantemente, não manter nada... Você acha que, por força de nos atualizarmos, não mudamos nem um pouco?

Ignacio Castro Rey: Exatamente, é o que parece. A mudança incessante é a nossa forma de conservadorismo. Há muito tempo que a cultura capitalista precisa derrubar os “últimos tabus”, e também derrubar provocadores (como Houellebecq) que não consideram que há algo intocável. É o espetáculo alternativo do Apocalipse para aqueles que não gostam da primeira linha de Hollywood. Foi dito uma vez, sem muito sucesso: o Ocidente deve manter a sua hegemonia, seja com o Tea Party ou com Homer Simpson. Por essa necessidade de espetáculo, mesmo intelectual e resistente, um Lars von Trier, um Haneke ou um Tarantino (guardadas as devidas diferenças) se fazem necessários e podem tornar-se estrelas do cenário mundial. Milhares de nomes estão nas fimbrias desse mecanismo espetacular, de sua dialética entre a maioria conservadora e a minoria de culto, mas às vezes passam um pouco de fome.

Alex Serrano: Como lidar com o prevalecente individualismo selvagem? Você acha que estamos perdendo a capacidade de estar juntos?

Ignacio Castro Rey: Nós não queremos ficar juntos, mas *agregados*. Mesmo por parte da esquerda alternativa, a nossa cultura é radicalmente *anticomunista*: desprezamos os eslavos, os muçulmanos e os latino-americanos, porque eles representam culturas comunitárias. Nós não queremos “ficar juntos”, porque a comunidade agrupa a *penumbra* que sempre fez parte da espécie. O que nós queremos, então, é estar isolados e conectados, fragmentados e federados. Daí a dialética entre o individualismo e o espetáculo que preside nosso primeiro mundo, onde, para ser mais eficaz, busca-se ser *personalizado*. Nova York, Madri, Paris, Chicago, Barcelona, Moscou: nos refugiamos no anonimato da multidão, cada um no seu nicho de silício conectado remotamente. O que precisamos é estar amontoados para que não se veja a sombra, para que ninguém sinta frio. Não sei se me faço compreender. Este ponto de vista não é para ser apocalíptico, mas agressivo: procura provocar o nosso puritanismo com outra cultura do afeto; uma possibilidade comunitária, ainda que efêmera.

Alex Serrano: Em que posição se encontram as *ciências humanas* nesse paradigma econômico dominante? Qual será futuro delas, em sua opinião?

Ignacio Castro Rey: Em princípio, são um mero ornamento. As humanidades têm de aprender a ser agressivas, elas podem ser muito mais *duras* do que as ciências. Têm uma relação com a noite que é assustadora para a ciência e a tecnologia, e para escapar desse isolamento ao qual são sentenciadas devem aprender a infiltrar-se no corpo social diário, a deixar ali sua carga de profundidade. Se buscarem refúgio na universidade, estarão aceitando seu papel subsidiário.

Alex Serrano: Já não há alternativa para se especializar na universidade? Na sua opinião, atualmente é dispensável estudar na universidade?

Ignacio Castro Rey: Evidentemente, a universidade pode ser melhorada, aqui e em toda parte; no entanto, torna-se uma maldição quando se *crê* nela. É aconselhável reservar as

crenças para outras coisas. Podemos nos especializar técnica e profissionalmente, e ainda assim recusar a especialização abrangente, mental. É imprescindível resistir a esse novo tipo de clonagem integral que nos é prometida, aquilo a que o bom Ortega chamava de “barbárie da especialização.” É necessário mantermo-nos *não especializados* perante a vida e a morte, perante o que cada existência tem de comum e único. Caso contrário, nos tornaremos monstros, para os outros e para nós mesmos. Que órgão alguém totalmente especializado vai usar para amar, sentir, odiar? Como terá amigos e inimigos, no que vai crer e pelo que vai lutar até o fim das suas forças? Sem tudo isso, que não se pode especializar, não é concebível a humanidade, seja qual for seu *nível de vida*.

Alex Serrano: O que está por trás da qualidade? Por que esse conceito é tão difundido? O que são moradia de qualidade e educação de qualidade?

Ignacio Castro Rey: Assistimos a uma inflação da palavra qualidade, porque estamos imersos no modelo global (um pouco infantil, mas reconfortante) do tamanho, da quantidade e do número. Assim, a nossa cultura, abafada pelo puritanismo da escala, enlouquece com o mito da *qualidade* real. Na vida cotidiana, a qualidade, o que não é algo transparente, deve ser cerceada, assediada, maltratada. Em troca, o mercado brinca com sua forma e sua ilusão privada, seu simulacro de elite. O problema é que este também é o destino da própria vida humana, como um todo. Falamos de “qualidade de vida”, mas, no fundo, todos nós sabemos que se trata de uma vida dependente da quantidade (de dinheiro, bens, consumo, longevidade) em meio a uma cultura escravizada ao parâmetro numérico.

Alex Serrano: A que se deve esse contraditório fomento midiático à perda das hierarquias, e, ao mesmo tempo, a nostalgia ilusória de sua retomada? Como se hoje fosse um vale-tudo e as fronteiras hierárquicas tivessem se esfumado. Isso, suponho, por saudade de um passado no qual a autoridade e os valores estavam mais demarcados.

Ignacio Castro Rey: Eu não sei se há essa nostalgia ou é mera pose. A horizontalidade é a nossa demagogia, o índice de um desejo de tornar a democracia (o “menos mau” dos regimes conhecidos) em uma nova metafísica. Neste ponto, a hipocrisia social vigente tem ofuscado as formas teatrais antigas. Nós enchemos a boca com a palavra igualdade, mas todos nós sabemos que nem mesmo uma vida humana é igual a si mesma. O dia em que eu seja igual a mim (digamos, que a minha existência seja igual à minha identidade), acabou-se, serei um *zumbi*, estarei morto. Como não confiamos na singularidade da vida, na força de suas sombras, o nivelamento aritmético é a única maneira que temos de suportar o outro. Mas então, reduzido a um esquema geral, esse outro já não está nem mesmo dentro de nós. A solidão de um indivíduo que flutua no limbo do igual é o destino de uma cultura descontroladamente pessimista, a nossa, que já não pode aceitar qualquer diferença real. Uma prova externa disso é a ferocidade com que nos lançamos sobre qualquer um (indivíduo ou nação) que esteja desprotegido, a descoberto, em uma singularidade sem armas para se defender.

Alex Serrano: A crítica e a arte se democratizaram a ponto de qualquer um poder ser crítico e artista, sem ter nenhuma formação. O resultado é uma sobrecarga de pontos de vista e oferta artística. Na sua opinião, qual deveria ser o papel da arte e da crítica nesta situação?

Ignacio Castro Rey: É possível que o problema não resida tanto na formação, que é sempre um valor relativo e questionável, mas na coragem e honestidade pessoais para afirmar e sustentar algo diferente, que não necessite mendigar o reconhecimento público. *Qualquer um* pode ser um crítico ou um artista, eu acho. A única condição é ter passado uma temporada no inferno e ter voltado com uma *forma* um pouco perturbadora. Os seres humanos que persistem em nossa memória (seja Van Gogh, Ribera, Chekhov, Rilke ou Cage) foram *qualquer um*, homens do subsolo, como dizia Deleuze, antes e depois de serem alguém reconhecido. Para isso é necessário, mas talvez não suficiente, ter suportado a tempestade abstrata do lado de fora, um tipo de *mal* que não pode ser atribuído a nenhum carrasco conhecido. Na minha concepção, o dilema é simples, como tudo o que importa. Para sobreviver a uma vida ameaçada pelo perigo de viver, esse ser humano teve que *voltar* para nós com uma obra que absolutamente o excede. Uma obra que saiu de suas mãos, mas para a qual estas tenham sido apenas um meio. A crítica só pode estar à altura dessa irrupção, que tem algo inumano, se conseguir reproduzir em outras palavras essa aparição singular. Parece que eu estou ficando muito metafísico, mas estou tentando falar do delírio a que chamamos de senso comum, algo latente em qualquer obra clássica, seja *Cómaros verdes* ou *Temor e tremor*.

Alex Serrano: É como se o capitalismo tivesse se tornado um artista, demasiadamente empenhado em nos agradar de modo superficial. Obcecado por agradar a todos os públicos, sem distinção. Preso a um desejo de consumo global que faz fracassar estrondosamente todos seus projetos e expectativas.

Ignacio Castro Rey: Na verdade, estamos diante de um dos piores perigos. Um tipo de poder que se manifesta como seu amigo, que deseja que você se divirta, que seja feliz e aproveite a vida. Se antes o modelo era o obstáculo autoritário, patriarcal e áspero (que despertava resistência), a ordem social é sorridente, maternal e participativa. Como um poder uterino, um líquido amniótico que só quer proteger. A que preço? Com uma condição apenas: que você aceite que é uma vítima, fraca e em crise perpétua. Não se tolera de nenhuma forma que alguém seja verdadeiramente livre, independente da hipocondria geral. Daí o nosso delírio com a solidão. Daí também Virilio insistir que o nosso modelo humano, basicamente, deve assemelhar-se o máximo possível ao do inválido equipado. E, aqui, um simpático militar lembraria: E você ainda não viu nada!

Alex Serrano: Essa tendência a indiferenciar qualquer tipo de trabalho e obra – vejam-se as *sociedades do conhecimento*, por exemplo – a que nos conduz?

Ignacio Castro Rey: Eu preciso forçosamente me repetir: isso leva à proteção da uniformidade e do nivelamento, para alcançar uma verdadeira *seleção* invertida, que escolhe o medíocre. Como nos partidos políticos convencionais, aquele que não tem nenhuma ideia própria vai ganhar as disputas no Congresso. É um dispositivo para discriminar positiva-

mente a mediocridade. É difícil separar as loas atuais ao enfraquecimento, à sensibilidade, à inteligência emocional dessa aprovação da matéria-prima humana. Cada existência deve transferir seu sangue a um clone, um *avatar* que seja totalmente social. O chamamento à criatividade é, mais do que tudo, um recurso para conseguir escravos que também sejam felizes, em outras palavras, que a humanidade escravizada pela economia não se afogue em depressão e tédio.

Alex Serrano: Somos assim tão indiferentes, como indivíduos, em comparação com outras épocas?

Ignacio Castro Rey: Jacques Lacan disse que o inconsciente não conhece o tempo. Eu não só gosto da ideia, mas a estenderia a todo o horizonte de nossas inclinações. Nada que importa para o homem tem tempo. Devemos, portanto, nos atrever a “pensar como sempre”, a “viver como de costume”, para “criar como de costume”. Sozinhos diante da morte e, por isso mesmo, gerando continuamente comunidade. Isso é hoje a maior subversão. E não significa isolar-se nas montanhas, parar de tomar banho e voltar a andar a cavalo (embora a fuga seja sempre uma saída), mas atrever-se a usar a tecnologia atual com uma mão, para, com a outra, continuar a viver uma vida que não deixe de ser *elementar*, por mais que os novos mandarins nos vendam outra coisa.

Alex Serrano: Em sua opinião, não seria muito prevalente o discurso cultural de determinadas linhas de esquerda, que representa a CULTURA como salvação, como um lugar para resolver conflitos políticos e sociais?

Ignacio Castro Rey: Sim, como eu disse antes, no final a religião sempre triunfa. Religião por religião, eu prefiro a antiga, que ainda subsiste. Fala de forma mais clara, é menos simplista e também atinge uma tensão mítica e literária incomparável.

Alex Serrano: Frequentemente, que o texto e o *slogan* são empregados como *pensamento* ou *crítica*, no lugar de argumentos e discussões profundas. Prefere-se o consenso ao dissenso: uma cervejinha, a música e um clima legal nas discussões – e que nunca lhe passe pela cabeça dizer ou fazer o oposto.

Ignacio Castro Rey: Não custa muito amar ou odiar. O bom sentimento de *partilha* e de *participação* é a única maneira de sair de uma cultura que só pode compreender negativamente a violência, por isso a duplica de forma terrível para os *outros*. Sofremos de uma patética incapacidade de ruptura, para ficarmos sós sem nenhum fantasma (e tudo que é importante tem fantasmas, espectros não definíveis), por isso boa parte de nossas iniciativas se encharca pouco a pouco de um tédio doloroso.

Alex Serrano: Por que há tantos artistas e obras, e tão poucas pessoas para ler e apreciá-las?

Ignacio Castro Rey: Porque vivemos em um mundo global que é sustentado pelo narcisismo. A nossa ordem social é macro e indiscutível – como eram poucas religiões do passado –

porque consegui ser *microfísica* e se infiltrar em todos os tecidos da vida. Não é coincidência que haja tantos dispositivos portáteis miniaturizados. Desse narcisismo que sustenta a “globalização” (ou vice-versa, tanto faz...) vem a ideia de que todo mundo será famoso pelo menos dez minutos por semana. Para isso servem as redes sociais, para essa notoriedade à *la carte*. Ao contrário do que se diz, a privacidade não está comprometida nessas redes, mas sim afirmada ao máximo. Cada um de nós já é uma estrela e, apesar de muita reclamação, no fundo é feliz por saber disso. Isso também se aplica aos submundos, quase todos supostamente alternativos, onde o que se busca é identidade alternativa, que nos permita escapar daquilo que Arendt chamou de *condição mortal*. Creio que, no fundo, é simples assim.

Alex Serrano: Que valor damos ao tempo? Preferimos correr para não pensar?

Ignacio Castro Rey: A velha ordem social controlava o povo através dos espaços. Nossas regras atuais controlam de forma mais eficaz, por meio do tempo, que se estende a todo espaço privado e também ao mundo do ócio. Por esta razão, a tendência atual é não se diferenciarem trabalho e lazer. Nunca o tempo foi tão milimetrado, tão contabilizado como nesta ordem social que funciona incessantemente 24 horas por dia. Este *real time* do corpo social conseguiu tornar praticamente impossível o *instante*, que é o espaço temporal (ao mesmo tempo curto e longo, rápido e lento) em que ocorrem os eventos que mudam nossa vida. Se a velocidade de circulação, se a velocidade de substituição perpétua é o nosso cânone, é porque nos livra do silêncio, do temível “tempo morto”, em que algo ainda pode acontecer. Corremos para não ter destino, para evitar que o real nos alcance em algum lugar.

Alex Serrano: Se não tivermos um projeto útil, *rentável* ou *produtivo* para o futuro, não somos nada?

Ignacio Castro Rey: Ser ou não ser, nada ou algo, é algo que apenas cada existência pode decidir. Não tem, de qualquer modo, nada que ver com o conceito de utilidade, que é sempre imposto a partir de um modelo externo, embora se apresente como global.

Alex Serrano: Devemos resistir a esse paradigma econômico?

Ignacio Castro Rey: Não é um modelo econômico. Marx deixou intacta a *forma* da economia, o império da cronologia, o coração do capitalismo como uma cultura. A economia e a tecnologia correspondem a essa aliança de isolamento e de socialização, de insularidade e conexão, e essa aliança constitui uma metafísica. Tece, com o pequeno relato cotidiano, uma *teleologia* da história que favorece sistematicamente o geral em detrimento do particular, o mundial em detrimento do local, o massivo em detrimento do singular. O problema é que, ao deixar para trás o evento singular, estamos abandonando o eixo arcaico que nos mantinha vivos e a única chance que o *comum* possuía de que se produzisse o acontecimento do encontro.

Alex Serrano: Por causa da situação desastrosa, da impossibilidade de um trabalho duradouro e digno, das questões de identidade e da incerteza sobre o futuro, parecemos eternos adolescentes. Como a filosofia pode agir nesta situação? Como podemos finalmente amadurecer?

Somos eternos adolescentes porque nos falta o trágico, algo que não escolhemos para poder permanecer jovens e imaturos. Em todos os lugares fomos privados do trauma, uma forma de contato e ressurreição através do choque. A pior coisa que este sistema fez ao homem foi a promessa de afastar a violência do viver. Ao fazê-lo, também tomou a sua alegria. Aquilo que se chama contestação cultural engoliu essa isca, o que constitui uma catástrofe sem precedentes.

Alex Serrano: Em sua opinião, não há muito cinismo nas redes sociais, muita gente “apontando o dedo” para outro, para o “mau”? Se somos tão críticos e inteligentes, por que as coisas estão dessa forma? Será que reproduzimos os modelos midiáticos de que tanto nos queixamos?

Ignacio Castro Rey: Absolutamente. O Facebook representa a idiotice média que nos salva das sombras, de nossos demônios familiares: a solidão, a marginalização social, a impopularidade, o atraso etc. As redes incorporam diretamente a estupidez de um limbo sem peso, como a nossa vida social média e tudo isso que, de forma esquiva, chamamos de capitalismo. Definir um perfil e incluir amigos. Selecionar e compartilhar imagens ou frases marcantes. Não é apenas o fim do que chamamos de leitura, é o fim de um mundo *perigosamente* exterior. Eu me pergunto como podemos sobreviver sem ele. Se houvesse uma “teoria da conspiração” plausível (em geral, eu não acredito nelas) seria essa idiotice juvenil que se espalhou até a terceira idade. Idiotice que nos converteu em adolescentes crônicos e, ao mesmo tempo, senis, incapazes de assumir riscos. Pessimismo? Não, pobre de mim, eu estou tentando provocar alguma coisa. É a nossa ordem social que é aberrantemente pessimista. E só podemos nos curar disso se recuperarmos uma certa quantidade de virulência real, uma *dureza* otimista (Sartre) da qual fomos expropriados.

Alex Serrano: Abusa-se muito da palavra liberdade. Será que, antes de liberdade, deveríamos falar de necessidade?

Ignacio Castro Rey: Sim. A liberdade é uma palavra desgastada e superestimada. O que nós escolhemos, realmente? Nascer? Não. Nosso nome, a voz, a personalidade, o caráter? Tampouco. Eu creio que o ser humano passa a vida dando forma, tornando tratável e inteligível aquilo recebeu lá atrás, em um passado *não decidido*. Bem entendido, eu acho que a *liberdade* consistiria em atravessar a necessidade, dialogar com tudo aquilo que me influenciou e que se depositou em mim. Mas temo que essas ideias, próximas a Freud, Nietzsche e Espinosa, não seriam muito populares hoje. Pelo contrário, nossa mitologia é a da escolha espetacular, estridente. Avante, então, até o ridículo final.

Alex Serrano: O que e como você acha que deveria ser a escola hoje?

Ignacio Castro Rey: É verdade que nesta bendita nação as coisas não poderiam estar piores, e não só pelo trabalho destabilizador dos governos. Mas também não sei se essa questão é muito importante, nem se (na Espanha ou fora dela) tem solução. A escola deveria abrir-se aos ventos externos, à dureza de algumas irrupções selvagens, em vez de permanecer

nessa tamanha mediocridade que nela tem triunfado... que é, afinal, um círculo vicioso. Quer dizer, a escola deveria seguir mais a Berger e Handke, a Valente, em vez de os Marina, os Perez-Reverte ou os Savater. Mas já adianto: não sei se isso é possível ou, se ocorresse, se mudaria algo em uma cultura tão *configurada* como a nossa. Eu sei que quando há algo de valor – pode ser Sylvia Plath, Nick Cave, Lispector ou Loznitsa –, não vem da escola... ainda que tenha passado (geralmente de raspão) por ela.

Alex Serrano: E, finalmente, como você acha que deveria ser um livro de filosofia, hoje?

Ignacio Castro Rey: Intenso e lapidar. Piedoso e, por isso mesmo, perturbador. Breve por sua intensidade, embora longo como um dia sem sol. Você deve gerar espaços clandestinos de isolamento, em que possamos regenerar o desejo e aprender a respirar novamente. Como *A pele*, de Malaparte, ou alguns livros de Virilio, de Pasolini. Como alguns textos de Sokurov, de Badiou, de Agamben ou mesmo de Žižek. Devemos viver, sentir, pensar e criar nas margens da nossa asfixiante cultura da mediação. Como diria Baudrillard, em nome do que ele chamava de a operação *poética* da forma, quase “tudo de ruim que acontece a essa cultura me parece bem”.